

Relatos de parto domiciliar no Instagram: compartilhamento de informações e experiências maternas on-line

Home birth stories on Instagram: the sharing of information and maternal experience online

Mariana Ferraz Musse¹ 

RESUMO: Neste artigo, são analisados 13 relatos de parto domiciliar, coletados por meio do uso da hashtag #partodomiciliar e publicados no Instagram, no primeiro semestre de 2023. A partir da articulação das narrativas, são examinados a circulação de informações pessoais, científicas e médicas nas redes sociais e seus impactos nas tomadas de decisão relativas ao parto. Analisa-se como o cotidiano adquire novas significações com base nas narrativas produzidas e publicizadas nas redes sociais, com foco na experiência do parto e nos relatos que buscam organizar e atribuir sentido a essa experiência. A produção de conteúdo por mães é exemplo da necessidade de exposição da intimidade nas redes, bem como da possibilidade de dar visibilidade às reivindicações de algumas mulheres em relação à maternidade. Por fim, são analisadas as mudanças no significado do parto na vida das mulheres e seus impactos na experiência da maternidade para aquelas que o vivenciam.

Palavras-chave: *relatos de parto; redes sociais; maternidade.*

¹Escola Superior de Propaganda e Marketing – Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

Editoras: Eliza Casadei  e Gabriela Almeida 

ABSTRACT: This article analyzes 13 home birth stories published on Instagram in the first half of 2023 and collected through the hashtag *#partodomiciliar* (home birth). By bringing these narratives into dialogue, the circulation of personal, scientific, and medical information on social media and its influence on childbirth-related decision-making are examined. It is discussed how everyday life acquires new meanings through narratives produced and shared on social media, focusing on the experience of childbirth and on the stories that seek to organize and attribute meaning to this experience. Mothers' content production points both to the exposure of intimacy on social media and to the possibility of giving visibility to some women's demands concerning motherhood. Finally, the changes in women's lives and their impacts on the experience of motherhood are analyzed among those who live through it.

Keywords: *birth stories; social media; motherhood.*

Redes sociais e a busca por visibilidade

As novas dinâmicas da comunicação, datadas do surgimento das redes sociais, da democratização da Internet móvel e dos *smartphones*, consolidaram novas formas de sociabilidade, de produção e acesso a conteúdos on-line, reconfigurando a circulação de informação no ambiente virtual. Como consequência desses processos, destaca-se a circulação de narrativas mais plurais e diversificadas do que aquelas reproduzidas tradicionalmente pela mídia de massa, levando, assim, a uma circulação maior de temáticas, pontos de vista, e perspectivas, já que o indivíduo comum passou a criar seus próprios conteúdos, utilizando diferentes mídias, configurando a figura do prosumidor (JENKINS, 2008).

As redes sociais viraram palco para a exibição de todo tipo de conteúdo, por qualquer pessoa que deseje produzi-lo, a fim de exibir imagens, ideias, opiniões e entretenimento. Neste sentido, são publicadas inúmeras narrativas, que pretendem apresentar o *seu* mundo da forma mais atraente possível. Como apresentam Lipovetsky e Serroy (2015), a dimensão espetacular nunca teve tanto relevo em tantos domínios da oferta mercantil, cultural e estética. Paula Sibilia lembra que estamos diante da rede social “com seu caleidoscópio de relatos mais ou menos verídicos sobre uma infinidade de ‘vidas reais’ que todos os dias circulam por seus meandros informáticos, desaguando um fluxo constante de palavras e imagens” (SIBILIA, 2015, p. 134).

Os indivíduos comuns se tornam os atores responsáveis por gravar e gerir a sua imagem, projetando como desejam ser percebidos socialmente. Desta forma, eles se colocam dentro da lógica do hiperespetáculo, quando “[...] fabricam e difundem em massa imagens, pensam, se expressam e lançam um olhar reflexivo para o mundo das imagens, agem e se mostram em função da imagem de si que querem ver projetada” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 267). Há, atualmente, uma enxurrada de olhares, imagens, perspectivas e narrativas que dão a cada indivíduo a possibilidade de representar sua própria vida, criando seu próprio espetáculo a ser consumido por amigos e desconhecidos no ambiente virtual.

Maternidade e parto: a espetacularização do cotidiano

O acesso, a mobilidade e a conectividade oferecidos pelos celulares transformaram a relação dos sujeitos com o seu cotidiano. A frequência com que os conteúdos são produzidos e o imediatismo com que são compartilhados configuram mudanças na perspectiva sobre como se narra a si mesmo. A praticidade e a agilidade alcançadas com aplicativos, como é o caso do Instagram, transformaram não só as narrativas pessoais, que deixam de ocupar apenas as esferas íntimas e privadas, mas também a sociabilidade e as novas relações, que se constroem fundadas em interesses em comum baseados nessas histórias compartilhadas. Essas narrativas, ao serem expostas publicamente, deixam de servir somente a uma função de registro, visando à conservação da memória pessoal, e passam a ter uma função primordial de conectividade entre indivíduos, que passam a interagir por meio da publicação delas nas redes sociais (MUSSE, 2017).

O cotidiano e a vida comum passam a ser altamente publicizados, trazendo uma espécie de entretenimento baseado em “fatos reais”, no qual os seguidores podem acompanhar a história daquela pessoa passo a passo, além do desenvolvimento de sua trajetória de vida. Os momentos marcantes merecem destaque nas publicações das redes e, certamente, o processo de ter um filho faz parte deles.

[...] ter um filho certamente é um capítulo fundamental na vida — daí a importância que adquirem estas “cenas”, cujos momentos são avidamente registrados das mais variadas formas no cenário contemporâneo, assim como também podem ser modificados de diversas formas, a partir de edições, filtros e outros recursos disponíveis na produção de fotos e vídeos. (SCHNEIDER, 2020, p. 47)

Etapas que se tornaram rituais a serem vivenciados pelas mães — da gestação ao pós-parto — são amplamente postadas e aguardadas com grande expectativa pelos seguidores. O anúncio da gestação, o chá de revelação, o chá de fraldas e o tema dos “mêsversários” são exemplos de momentos que, muitas vezes, são produzidos e vividos, pensando-se no conteúdo que

será gerado para ser postado imediatamente ou no futuro. Esses momentos merecem ser registrados e compartilhados nas redes sociais, na tentativa de tornar as próprias experiências cotidianas especiais (RETTBERG, 2014), uma vez que se ganha visibilidade e reconhecimento por meio de curtidas e comentários no processo de publicização desses eventos.

Para aquelas mulheres que se tornam profissionais, “autoridades” ou influenciadoras do nicho da maternidade, um dos momentos mais aguardados pelos seguidores é o da publicação do relato de parto. Por meio dele, são dados detalhes de todo o processo do nascimento do bebê. Muitas vezes, há uma estrutura já planejada para o conteúdo que será postado, dada a curiosidade e ansiedade dos seguidores daquele perfil para saber como foi a experiência do parto.

Se há alguns anos o parto significava “apenas” o momento do nascimento do filho e pouca ênfase era dada ao processo e às suas implicações para a mulher, atualmente, está associado ao seu protagonismo neste evento ou é compreendido como sinônimo do seu próprio empoderamento com base nessa experiência (TORNQUIST, 2004). Em outras palavras, a mulher, hoje, quer ser ouvida e respeitada em relação às suas escolhas no parto, pois este envolve uma experiência no seu próprio corpo, além de todas as questões psicológicas, afetivas e emocionais que entram em jogo: “o parto figura, portanto, como o ponto final de uma narrativa na qual o planejamento é um dos fios condutores” (REZENDE, 2015, p. 216). Esse planejamento envolve tanto a decisão quanto o projeto pessoal de tornar-se mãe.

Por muito tempo, a forma de nascer dependia da estrutura médica ou das próprias parteiras que viviam no local onde a mulher morava. Não raro, o médico determinava se seria agendado um dia para o nascimento, se o parto seria uma cesariana ou se aguardariam o parto vaginal. A mulher pouco decidia ou opinava sobre o momento do nascimento dos filhos, confiando plenamente no conhecimento médico. Surge, diante desse cenário de maior hospitalização e medicalização do nascimento, o movimento pela humanização do parto — termo que é mais frequentemente utilizado para falar sobre um nascimento menos medicalizado

e com menos interferências desnecessárias no corpo da mulher —, que ganha adeptos e visibilidade em diversos países ao longo da segunda metade do século XX (TORNQUIST, 2004).

Há, hoje, uma gama de recomendações a serem seguidas pelas futuras mães, disponíveis em sites e perfis de médicos, que vão de obstetras a pediatras, até de psicólogas, pedagogas, educadores parentais, influenciadores e celebridades mães e pais. Esses autores, por sua vez, disponibilizam conteúdos sobre o desenvolvimento infantil, cuidados com o bebê, criação, dicas de enxoval, introdução alimentar, entre outros assuntos de interesse, principalmente, das mães.

Nesses perfis, abordam-se aspectos que são pouco discutidos pela mídia tradicional ao fazer relatos sobre a maternidade ou sobre o parto: desconfortos, traumas, dificuldades com a amamentação, a culpa por mães não terem conseguido o parto humanizado e não terem preenchido os “requisitos de perfeição, estereotipados por uma maternidade idealizada, pelos roteiros criados em filmes publicitários e anúncios que mostram o ritual do parto como algo perfeito e livre de contraindicações, bem como o nascimento de uma mãe perfeita” (ALCALDE, 2021, p. 58).

Esse processo da rápida e interminável jornada em busca de informações sobre a melhor forma de “fazer” abre um novo precedente para o exercício da maternidade: a escolha da “melhor” opção em todas as etapas do desenvolvimento do filho. Então, além de ser responsável por cuidar dessa criança, pressupõe-se que a mãe também estude, busque informações, mantenha-se atualizada e, sobretudo, decida quais caminhos seguir em uma trajetória na qual se pretende alcançar o êxito, seguindo as instruções e as informações dadas por autoridades, pessoas comuns, marcas e influenciadores.

[...] narrar a própria vivência materna ou suas impressões sobre ela pode ser interpretado como um meio de criar novas percepções sobre o fato de ser (ou não ser) mãe, inaugurando outras maneiras de vivenciar isso. Diante dessa conjuntura, certos recursos das mídias sociais serão importantes para as mulheres discutirem a maternidade nesses espaços, criando redes de apoio e gerando visibilidade para o que problematizam (SOUZA, 2022, p. 41).

O rápido acesso a informações leva à difusão de conhecimentos específicos outrora dominados apenas por especialistas na área. A necessidade de ocupar os espaços das redes sociais para tornar-se (re)conhecido para além da esfera de seu círculo social “real” levou grande parte desses especialistas a criar conteúdo acessível, didático e atrativo para o nicho de mães, ávido por conhecimento e por fazer o “melhor” para seus filhos e para si. Ser mãe, hoje, é ter informação atualizada sobre todos os aspectos da criação de um filho para tomar, então, as melhores decisões sobre como fazê-lo, sabendo, inclusive, argumentar sobre os porquês de fazer de um jeito ou de outro para a sua audiência.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, orientada pela compreensão dos significados produzidos pelas próprias participantes em seus relatos sobre o parto domiciliar. Conforme argumenta Minayo (2001), a pesquisa qualitativa permite investigar fenômenos sociais com base em experiências e sentidos atribuídos pelos sujeitos, considerando seus contextos socioculturais. O corpus da pesquisa é composto por 13 relatos de parto domiciliar publicados na rede social Instagram e coletados ao longo do primeiro semestre de 2023 por meio da hashtag #partodomiciliar. A utilização da hashtag como estratégia de busca possibilitou identificar publicações inseridas em um fluxo comunicacional específico, marcado pela circulação de experiências e informações sobre o parto domiciliar. As redes sociais digitais constituem espaços legítimos de investigação, nos quais práticas culturais e narrativas pessoais são produzidas e compartilhadas publicamente (HINE, 2015). Foram selecionados relatos publicados em perfis públicos e, com o objetivo de preservar a privacidade das autoras, optou-se pela utilização de nomes fictícios, conforme recomendações éticas para pesquisas em ambientes digitais (MARKHAM; BUCHANAN, 2012).

Do total de relatos analisados, nove referem-se a partos domiciliares planejados e quatro a partos ocorridos em casa de forma não planejada.

A análise foi orientada pela perspectiva da análise narrativa, que compreende os relatos como formas de organização da experiência e construção de sentido (RIESSMAN, 2008; BRUNER, 1991). Foram realizadas leituras sucessivas do material, buscando identificar recorrências temáticas, categorias emergentes e elementos discursivos relacionados aos significados atribuídos ao parto domiciliar, incluindo a relação com a medicalização, a preparação para o parto, a autonomia e o papel da informação. Além disso, considerou-se o contexto sociotécnico das redes sociais, compreendendo os relatos como práticas comunicacionais inseridas em ecologias digitais marcadas pela circulação de saberes experienciais e pela constituição de comunidades em torno de interesses comuns (HINE, 2015). Essa abordagem permitiu compreender os relatos como produções narrativas que participam da construção social de significados sobre o parto, o corpo e a maternidade no contexto contemporâneo.

O parto domiciliar e a “coragem para enfrentar o sistema”

No contexto atual, o movimento pela “humanização do parto” vem ganhando força nas últimas décadas. Entre outros objetivos, busca conferir maior protagonismo à parturiente durante o trabalho de parto, bem como reduzir as interferências e medicações desnecessárias nesse processo. Como consequência, isso contribui para a diminuição do índice de cesarianas eletivas e/ou induzidas, além de outras intervenções médicas desnecessárias.

Esses fatores levam a uma série de implicações e remetem a questões que estão em constante transformação na esfera do parto e de seu significado enquanto experiência transformadora para as mulheres. Parece haver, entre as mulheres que optam pelo parto domiciliar planejado, uma decisão consciente a fim de evitar a medicalização e as intervenções desnecessárias, que poderiam acabar levando-as a uma cesariana indesejada. Além de apresentarem a escolha pelo parto domiciliar como uma decisão que dificultaria uma possível cesariana, muitos dos relatos analisados também

mencionam o “respeito”. Essas mulheres querem se sentir respeitadas e querem que suas vontades e decisões sejam acolhidas pela equipe que as acompanha ao longo do trabalho de parto, discursos esses que evidenciam o medo de que suas escolhas não sejam atendidas no ambiente hospitalar.

Natália (2023) é uma “artista entregue às sensações e bióloga apaixonada pela vida”; assim ela se define na biografia de seu perfil no Instagram. Em seu relato, ela justifica sua escolha pelo parto domiciliar dizendo: “A escolha pelo parto domiciliar vinha de um desejo de ritualizar o processo, queria que fosse natural, selvagem e sem as intervenções do hospital e eu dizia: ‘que leve o tempo que precisar” (NATÁLIA, 2023, n.p.).

Suzana é “terapeuta integrativa do feminino” e em sua biografia escreve que oferece cursos, vivências e atendimento individual. Suzana (2022) começa seu relato já interagindo com seus seguidores e escreve: “Espero mostrar para vocês como o parto pode ser um momento único, respeitoso, instintivo, transformador e sagrado!” (SUZANA, 2022, n.p.). Ela relata a decisão de realizar o parto em casa para evitar a cesárea, lembrando sua experiência anterior como justificativa: “Sobre minha decisão de parir em casa... há 18 anos, eu passei por uma cesárea agendada no nascimento do meu filho, e, não queria ter essa experiência novamente. Sempre senti que o parto podia ser transformador, e que trazer meus filhos *pra* terra com respeito e amor, era uma das minhas missões nessa vida” (SUZANA, 2022, n.p.). Suzana defende sua decisão mencionando a segurança do parto domiciliar planejado, pois ela estaria assistida por profissionais que saberiam o que fazer, em caso de uma emergência. “Caso precise de alguma intervenção de emergência, tem a assistência da enfermeira obstetra. Ela leva uma mala de medicamentos e aparelhos que literalmente salvam vidas!” (SUZANA, 2022, n.p.).

Taís fez o relato que foi publicado no perfil profissional da doula que assistiu seu parto. Ela fala sobre ter coragem e discernimento para fazer as melhores escolhas na hora do parto:

Entendemos que é preciso coragem para enfrentar um sistema que oprime a mulher e tira dela o direito inato de parir por meio de inúmeras mentiras que assustam e amedrontam. Tivemos plena convicção da profundidade

do poder que é uma mulher gestar e parir, e quão especial é receber uma vida nova de forma respeitosa. Estudamos juntos a fisiologia do parto e entendemos que ele exige, antes de qualquer coisa, um preparo mental, e depois, físico. Não se dá à luz apenas com o útero, o corpo todo precisa consentir. [...] Então, quando decidimos engravidar, tínhamos certeza de que o parto seria natural e, de preferência, em casa. Fomos em busca dos caminhos que nos levariam a pessoas capacitadas para nos acompanhar no processo. (TAÍS, 2023, n.p.)

Maira (2022) é carioca, veterinária, apaixonada por gatos, natureza, livros e mãe da Violeta. Assim ela se descreve em seu perfil do Instagram. Maira também menciona “o sistema” e, diferente de Taís, que diz que é preciso coragem para enfrentá-lo, Maira afirma que o conhecimento é o que nos permite às mulheres lutar contra ele.

Eu entendi que realmente mulheres sabem parir e crianças sabem nascer, querem que a gente acredite no contrário, que nosso corpo é fraco, que uma cirurgia é mais segura, que local de criança nascer é no hospital. @ivaialbuquerque somos privilegiados pelas possibilidades que tivemos, e realmente espero que cada vez mais mães tenham seus bebês respeitosa-mente em hospital. Só o conhecimento nos permite lutar contra o sistema. (MAIRA, 2022, n.p.)

Assim, ao compartilharem seus relatos no Instagram, essas mulheres apresentam a escolha pelo parto domiciliar planejado como um ato consciente e como uma opção para evitar medicalizações desnecessárias ao longo do trabalho de parto. Elas também destacam a confiança na equipe escolhida para assistência ao parto e no processo fisiológico do nascimento.

O parto domiciliar como experiência transformadora

Nos relatos analisados, outro ponto que chama a atenção é o parto como experiência que transcende o nascimento de uma criança. Agora, o parto é também o “momento da mulher”, tido por algumas como um

momento de forte conexão com o corpo e um evento que trará consequências e memórias que perseguirão a existência dessa mulher por toda a sua vida. O parto, por sua vez, é uma experiência que só pode ser vivenciada através do corpo e, segundo Giddens, “experimentar o corpo é uma maneira de tornar coerente o eu como um todo integrado, uma maneira de o indivíduo dizer ‘é aqui que eu vivo’” (GIDDENS, 2002, p. 40). Viver a experiência do parto traz uma série de novos sentidos e significados a emoções internalizadas neste momento, como a dor, por exemplo. O controle do corpo e da mente, a segurança que se conquista por estar bem-informada, a confiança na equipe de assistência ao parto são elementos que aparecem ao longo dos relatos. E, certamente, pela intensidade de tantas transformações em um curto espaço de tempo, o parto é um momento para o qual as mulheres hoje se preparam e planejam, pois sabem que, além do nascimento do filho, a experiência do parto as marcará de forma profunda ao longo de toda a vida.

Clara (2023) revela que estava concentrada em parir e isso a ajudou a ter controle corporal: “Nesse parto eu estava com uma consciência corporal MUITO maior do que no meu parto anterior, não sei se por ter bem mais experiência, hoje em dia, ou por estar simplesmente concentrada em parir (diferente de antes que eu tinha várias preocupações já que estava passando por tudo pela primeira vez...)” (CLARA, 2023, n.p.).

Nesse contexto, como explica Cláudia Rezende (2015), percebe-se as transformações nos sentidos dados tanto à gravidez quanto ao parto, a depender da época em questão. “A gravidez era um estágio para a maternidade e o parto, o rito de passagem que a instaurava, agora a maternidade começava antes e o parto ganhava outro sentido. Era algo a ser escolhido e planejado” (REZENDE, 2015, p. 222). Essa afirmação corrobora o que foi encontrado nos relatos sobre parto domiciliar, sobretudo, nos relatos nos quais eles foram planejados, apontando para a decisão da mulher de realizar o parto em casa, fato este que revela uma escolha e uma tomada de decisão, por vezes, guiada por diferentes informações adquiridas sobre o assunto. Dentro do planejamento feito para tornar-se mãe, há uma série de expectativas que são formadas e objetivos a serem alcançados.

O “sucesso” da experiência do parto se enquadra nesse planejamento, no qual a mulher é responsável por tomar as decisões que lhe permitirão alcançar seus objetivos.

Suzana (2022) afirma que trazer seus filhos ao mundo com respeito era a sua missão:

Sempre senti que o parto podia ser transformador, e que trazer meus filhos *pra* terra com respeito e amor, era uma das minhas missões nessa vida. Então na segunda gestação eu estudei e me preparei em todos os níveis (físico, mental, emocional e espiritual) para um parto domiciliar planejado. (SUZANA, 2022, n.p.)

Outro aspecto também destacado nesses relatos é a possibilidade de consumir “o parto domiciliar planejado” como um serviço. Por meio de seus perfis nas redes sociais — e, para ilustrar, dos relatos coletados de cinco mulheres que declararam em seus perfis trabalharem diretamente na assistência ao parto — muitas compartilham seus relatos para explicar detalhes do trabalho de parto, dar dicas, exaltar a importância da escolha de bons profissionais, falar sobre técnicas de alívio de dor, e, por fim, vender um serviço. Nikolas Rose (2013) argumenta que “antigamente as intervenções médicas visavam curar patologias [...]. Agora, os receptores dessas intervenções são consumidores, tendo acesso a escolhas com base em desejos que podem parecer triviais, narcisísticos ou irracionais, modelados não por necessidade médica, mas pela cultura de mercado e de consumo” (ROSE, 2013, p. 37).

Clara é doula e, em seu perfil público no Instagram, se apresenta: “Doula e preparo mulheres para parir com confiança e leveza. Mais de 40 famílias já receberam o meu suporte”. Ao longo do seu relato, extremamente detalhado, com mais de 12 publicações para descrevê-lo, Clara menciona a sua segurança em ter um parto domiciliar por ter um bom conhecimento do próprio corpo. Ela escreve:

Ver a minha equipe segura de que o processo tinha começado, ao ponto de estar ao nosso lado literalmente, e conhecer já o meu corpo (tanto por ter uma experiência de parto anterior quanto por entender bem sobre a

fisiologia) foi o que me fez seguir tranquila e leve, dando assim a condição ideal para o meu organismo trabalhar. (CLARA, 2023, n.p.)

Percebe-se, mais uma vez, o discurso que propaga a confiança no corpo e na natureza do nascimento para justificar escolhas das mulheres pelo parto domiciliar. Os relatos, compartilhados nas redes sociais, servem como fonte de informação para diversas gestantes que estão se preparando para experienciar o seu parto. Este tipo de relato reforça, como visto, a importância do conhecimento do corpo e da confiança na natureza dele na hora de parir, além da necessidade de manter o equilíbrio emocional para não “desandar” tudo. Essa construção narrativa foi encontrada na maior parte dos relatos analisados, apontando para uma responsabilidade da mulher em obter determinados conhecimentos para “estar preparada” para o momento do parto e saber como agir em cada situação.

Informação e tomada de decisões

Dos 13 relatos analisados, 11 fazem menção a alguma preparação realizada pela gestante antes do parto — cursos, leitura de outros relatos, e/ou acompanhamento durante o pré-natal com profissionais como doulas e fisioterapeutas pélvicas são alguns exemplos encontrados nos testemunhos. Maira descreve a circulação de informações e o compartilhamento de outros relatos como fonte de informação para sua preparação para o parto:

O caminho do nosso parto teve início assim que descobri a gravidez em fevereiro de 2022, eu já tinha contato com alguns perfis sobre parto graças às amigas mães que sempre se esforçaram para compartilhar informações de qualidade e baseadas em evidências científicas, mas não é fácil encontrar bons profissionais, isso se torna ainda mais complicado morando na zona oeste e quando não se tem um orçamento alto, mas o universo fez com que chegasse a mim um relato de parto com a @minhaamigaeginecologista, me identifiquei com o perfil profissional e depois da primeira consulta tinha certeza de que seria nossa obstetra. (MAIRA, 2022)

Há diferentes dimensões de reflexão em torno desse feito. Uma delas seria o advento da cultura digital e a rápida circulação de informação

por meio das redes sociais e aplicativos de distribuição de conteúdo. As consequentes transformações nas formas de narrar a si mesmo no ambiente digital abriram espaço para uma vasta quantidade de informação — gratuita ou paga — como cursos, *lives*, perfis profissionais de médicos, enfermeiros obstetras, psicólogos, fisioterapeutas, pediatras, entre outros. Além disso, há perfis de pessoas comuns postando todo o dia todo o tipo de informação sobre parto, inclusive divulgando os seus próprios relatos ou fazendo um compilado dos mesmos em perfis que se dedicam a este fim.

Fato é que, atualmente, a circulação de informações sobre o parto — especializadas ou focadas na experiência individual — aumentou exponencialmente se comparada a uma era pré-rede social, por exemplo. Os processos de convergência midiática e da criação de aplicativos de mensagens e de redes sociais se destacam como impulsionadores da rápida circulação de informação.

Essa publicização e exposição dos relatos acabam servindo como referência para que muitas mulheres imaginem a sua própria experiência, ou seja, estes relatos, além de terem um efeito sobre a própria pessoa que narra na elaboração dos eventos, possibilita que outras pessoas se informem, se projetem ou construam o seu próprio plano de parto com base na experiência de outrem.

Alguns dos elementos destacados anteriormente podem ser identificados no perfil da Taís, como o medo de sofrer violência obstétrica e a constante medicalização a que as mulheres são submetidas nos hospitais. Ela se coloca também, junto ao marido, como figura responsável por resistir ao sistema, chamando para si a responsabilidade de se informar para tomar decisões em relação ao parto, além de estudar para conhecer melhor o próprio corpo e sua fisiologia.

Anos antes de engravidarmos, eu e o @william_zaharanszki fizemos 3 aulas gratuitas de um curso sobre parto natural @umpartoprachamardemeu. Ficamos impressionados com a quantidade de informações preciosas sobre o corpo da mulher e de seu bebê e estarecidos com a quantidade de interferência/violência obstétrica e neonatal que acontecem quando se

hospitaliza algo que é natural. Entendemos que é preciso coragem para enfrentar um sistema que oprime a mulher e tira dela o direito inato de parir por meio de inúmeras mentiras que assustam e amedrontam. [...] Estudamos juntos a fisiologia do parto e entendemos que ele exige, antes de qualquer coisa, um preparo mental, e depois, físico. Não se dá à luz apenas com o útero, o corpo todo precisa consentir. [...] A energia de parir atravessa todo o corpo da mulher. É uma dança... (TAÍIS, 2023, n.p.)

Uma outra dimensão que emerge diante deste cenário em que a parituriente precisa estar informada no momento do parto é a desconfiança ou a perda de confiança nos médicos. Mais uma vez, este é um processo que parece envolver a publicização destes assuntos na mídia: a violência obstétrica e/ou o excesso de medicalização que vai contra a ideia do discurso propagado pelos defensores do movimento pela humanização do parto. A confiança na equipe e o próprio conhecimento sobre o corpo que Clara (2023) tem pela sua formação a tranquilizaram no trabalho de parto:

Nesse parto eu estava com uma consciência corporal MUITO maior do que no meu parto anterior, não sei se por ter mais experiência hoje em dia ou por estar simplesmente concentrada em parir (diferente de antes que eu tinha várias preocupações já que estava passando por tudo pela primeira vez e ainda por cima desassistida). (CLARA, 2023, n.p.)

Outro fator que se destacou nos relatos, além da preparação para o parto, foi o uso de muitos termos técnicos e/ou médicos. Ambos os aspectos estão interligados, uma vez que a preparação inclui cursos e o acompanhamento por equipe ou profissionais envolvidos no nascimento (como doulas e/ou enfermeiras obstétricas) desde o pré-natal. Também se destaca a possibilidade de que palavras específicas utilizadas no parto estejam circulando com maior frequência nos próprios relatos de parto, na Internet.

Todos os relatos de parto trouxeram, em algum nível, palavras do universo médico, que mostram uma familiarização dessas mulheres com este vocabulário e as etapas do trabalho de parto. Dequitação da placenta,

fase expulsiva, fase latente, “círculo de fogo”, tampão, puxos, ocitocina, “partolândia” e períneo são alguns exemplos de palavras e expressões que apareceram — não esporadicamente — ao longo dos relatos. Isso permite afirmar que, no conteúdo dos relatos analisados, havia uma familiaridade advinda de cursos, livros e/ou da própria informação adquirida por meio das redes sociais. Certamente, como mencionado, parte desses relatos é de mulheres que trabalham na área da saúde e/ou assistência ao parto.

No trecho do relato de Sofia, pode-se perceber como se dá essa articulação:

Depois, foi uma sequência de acontecimentos: João corta o cordão umbilical, nasce a placenta, Dra. Avelina me avalia: zero laceração. Antônio não estava mantendo a saturação e teve que ficar um pouco no oxigênio. Mas ficou o tempo todo juntinho com a gente. [...] E períneo íntegro, fiquei me achando. Lembrei de como eu estava consciente na hora do expulsivo e de como ele nasceu de forma tranquila. (SOFIA, 2023, n.p.)

Esses relatos mostram como a circulação de informação, seja ela baseada em termos técnicos e médicos ou na experiência de mulheres a respeito do parto, está colaborando para a disseminação do conhecimento especializado por intermédio das redes sociais digitais. Pode-se afirmar que, hoje, estar munida de informações — que podem ser encontradas gratuitamente no Instagram, por exemplo — fornece ferramentas para as mulheres tomarem suas próprias decisões ou terem argumentos para se fazer ouvir no momento do parto.

Considerações finais

Neste artigo, buscou-se articular conteúdos observados e extraídos dos 13 relatos de parto coletados do Instagram para discutir assuntos como a circulação de informação nas plataformas de redes sociais, o cotidiano como evento espetacularizado, a busca por visibilidade e movimentos que são criados pela exposição do cotidiano como “maternidade real” — discurso que visa mostrar a realidade sem romantização nas redes sociais on-line.

Com base nos relatos, pôde-se observar como, hoje, as mulheres estão se preparando para o momento do parto, seja por meio de estudos, cursos, mentorias com profissionais que acompanham o pré-natal ou com base em relatos de outras parturientes, que são encontrados na Internet e nas redes sociais digitais. Essa necessidade de se preparar visa a se proteger contra possíveis interferências e medicalização desnecessárias ao longo do trabalho de parto, bem como revela como o conhecimento sobre o processo corrobora a ideia do protagonismo de cada mulher no momento do parto. Ambas as situações apontam para uma maior compreensão do movimento pela humanização do parto e dos direitos das mulheres durante o trabalho de parto, e isso parece estar relacionado à circulação dessas informações, inclusive de denúncias de violência obstétrica, muitas vezes realizadas nos relatos que circulam nas redes digitais.

Além disso, nota-se como o discurso técnico e/ou médico e os serviços prestados por profissionais relacionados à assistência ao parto se tornaram produtos que podem ser consumidos (cursos e acompanhamento pré-natal, por exemplo). Esses profissionais não se dedicam apenas ao tratamento de determinadas doenças, mas também a preparar e ensinar os seus clientes a lidar com determinadas situações, garantindo o seu bem-estar. Há a intenção de compartilhar o conhecimento, propiciando às parturientes maior segurança decorrente dele.

Todas essas questões apontam para a importância do parto na vida das mulheres e destacam como esse momento exige uma preparação para minimizar a possibilidade de “erro” ou “falha” diante do caminho “ideal” (leia-se, para muitas, o parto natural humanizado), que cada parturiente deve viver pelos benefícios que apresenta, segundo seus defensores. A experiência do parto deve ser vivida com toda a intensidade possível e o conhecimento ajuda cada mulher a saber como direcionar sua mente e seu corpo para obter uma experiência transformadora ou, no mínimo, memorável.

Hoje, ter filhos não é mais comumente visto como destino, mas como escolha. Essa escolha é planejada, estudada e exige preparação para ser vivenciada. As redes sociais digitais entram como um dos locais onde

a informação profissional ou de pessoas comuns pode ser encontrada, muitas vezes gratuitamente. Neste espectro estão os relatos de parto, representando uma das fontes de informação que vão além da elaboração do processo vivido por cada mulher ao gerar filhos.

Complementando o processo do nascimento, os relatos são produzidos cuidadosamente e publicados nas plataformas de redes sociais, utilizando a *hashtag* #partodomiciliar. Por meio da publicização dos relatos, observa-se a busca por visibilidade (inclusive pelo uso da *hashtag*) do evento, a circulação de novas narrativas pessoais e o registro desse acontecimento na vida da parturiente, que ganha sentido ao elaborar e organizar a experiência vivida em um relato a ser consumido por seguidores da rede.

Além do processo pessoal de elaboração da experiência por meio da narrativa — no caso dos relatos de parto —, a exposição deste momento íntimo das mulheres, os agradecimentos à equipe que assistiu ao parto e a outras pessoas envolvidas no processo também remontam a uma necessidade de publicização da experiência para que ela seja legitimada pelos demais e não só para si própria, o que também movimenta a rede e o mercado de prestadores de serviço na assistência ao parto. Por meio desses relatos públicos, também são acessadas informações sobre hospitais, prestadores de serviços, marcas etc., que se beneficiam das menções ao longo dos relatos, podendo atrair novos clientes.

É importante mencionar também que o parto domiciliar planejado demanda, atualmente, um alto investimento financeiro por parte de cada mulher que opta por realizá-lo. Muitos serviços consumidos (cursos, consultas, atividades físicas direcionadas etc.) também são acessíveis apenas a uma pequena parte da população pelo seu alto custo. Ainda assim, o parto propriamente dito não deixa de ser, hoje, um momento muito planejado, pensado e estudado pelas mulheres quando engravidam. Por isso, entende-se a relevância de estudar esse fenômeno tão ancestral que, ao longo das mudanças na sociedade, na cultura e nas formas de comunicação, também vem se transformando e ganhando novos significados para a vida das mulheres.

Conflito de interesses: nada a declarar.

Fonte de financiamento: nenhuma.

Disponibilidade de dados da pesquisa: o corpus é constituído por publicações de perfis do Instagram. Para proteger a identidade das autoras dos relatos, os dados integrais não estão disponíveis publicamente”.

Referências

- ALCALDE, R. P. *Comunicação, consumo e memória em experiências de parto*: efeitos, afetos e narrativas performáticas de parturientes. 2021. 180 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2021.
- BRUNER, J. The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991. <https://doi.org/10.1086/448619>
- CLARA. My account of a home birth. *Instagram*, 2023. Disponível em: Acesso restrito. Acesso em: 22 jan. 2023.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HINE, C. *Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday*. London: Bloomsbury, 2015.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
- LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MAIRA. My account of a home birth. *Instagram*, 2022. Disponível em: Acesso restrito. Acesso em: 5 out. 2022.
- MARKHAM, A.; BUCHANAN, E. *Ethical decision-making and Internet research: recommendations from the AoIR Ethics Working Committee*. Minneapolis: Association of Internet Researchers, 2012.
- MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MUSSE, F. M. *Narrativas fotográficas no Instagram: autorrepresentação, identidades e novas sociabilidades*. Florianópolis: Insular, 2017.
- NATÁLIA. My account of a home birth. *Instagram*, 2023. Disponível em: Acesso restrito. Acesso em: 6 abr. 2023.
- RETTBERG, J. W. *Seeing ourselves through technology: how we use selfies, blogs and wearable devices to see and shape ourselves*. London: Palgrave Macmillan, 2014.
- REZENDE, C. B. O parto em contexto: narrativas da gravidez entre gestantes no Rio de Janeiro. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 15, n. 2, p. 214-228, 2015. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2015.2.18947>
- RIESSMAN, C. K. *Narrative methods for the human sciences*. Thousand Oaks: Sage, 2008.
- ROSE, N. *A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2013.

- SCHNEIDER, R.. *Imagens simbólicas da maternidade a partir de mães youtubers*. 2020. 196 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- SIBILIA, P. O universo doméstico na era da intimidade: nas artes, nas mídias e na internet. *Revista Eco-Pós*, v. 18, n. 1, p. 133-147, 2015.
- SOFIA. My account of a home birth. *Instagram*, 2023. Disponível em: Acesso restrito. Acesso em: 17 jun. 2023.
- SOUZA, A. L. de F. *Ser mãe é fd@!:* mulheres, (não) maternidade e mídias sociais. Porto Alegre: Zouk, 2022.
- SUZANA. My account of a home birth. *Instagram*, 2022. Disponível em: Acesso restrito. Acesso em: 10 dez. 2022.
- TAÍS. My account of a home birth. *Instagram*, 2023. Disponível em: Acesso restrito. Acesso em: 27 maio 2023.
- TORNQUIST, C. *Parto e poder: o movimento pela humanização do parto no Brasil*. 2004. 429 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2004.

Sobre a autora:

Mariana Ferraz Musse: Docente da Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro (ESPM/RJ) e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Economia Criativa, Estratégia e Inovação (PPGECEI/ESPM), além de produtora audiovisual. Possui Pós-doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é Doutora em Comunicação pela Universitat Pompeu Fabra (Espanha), Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Mestre em Documentário e Sociedade pela Escuela Superior de Cinema y Audiovisuales de Cataluña (ESCAC). Email: marianafmusse@gmail.com

Recebido: 05/03/2026

Aceito: 06/05/2026